

QUANDO O FAMILIAR SE MOSTRA ESTRANHO: UM OLHAR DIFERENTE PARA O FUTEBOL

Nyna Taylor Gomes Escudero
Dayane Maria de Oliveira Portapila
E.E. Samuel Klabin

Resumo: A experiência de ensino apresentada poderia ser narrada de diferentes maneiras. Optei por uma, certamente não aquela convencional como o leitor poderá constatar, mas uma que me permitiu “bater uma bola” com o projeto que a Profa. Dayane Portapila desenvolveu junto a seus alunos. Ao tentar imprimir uma prática pedagógica multiculturalmente orientada a professora revela um entendimento da sala de aula como um local de socialização, de diálogo, um espaço de múltiplas narrativas, de encontro, de entendimento, de respeito e produção, já que o registro ganhou lugar de destaque. É nele e a partir dele que sua ação didática se referenciou. Os dados para a construção do presente texto foram colhidos por meio de entrevistas, gravações de aulas pela professora, fotografias, vídeos das vivências dos alunos, caderno de registro da professora, documentos produzidos pelos alunos, e ainda, de suas produções. A Profa. Dayane procurou questionar os discursos que naturalizam a inabilidade das meninas para o futebol, propondo situações didáticas de análise, observação e de vivências que permitiram certo estranhamento por parte dos alunos, vale dizer, questionar os discursos que eles vêm repetindo, especialmente os que ressaltam a supremacia masculina no âmbito do futebol e que visam produzir certos e homens e certas mulheres. O estudo do futebol empreendido até o momento pelos alunos do 3º C juntamente com a Profa. Dayane convida a pensar a sala de aula, não mais como um espaço de instrução, de transmissão de conhecimentos, mas como um espaço de possibilidades, tanto para o aluno quanto para o professor. No caso em tela, pode-se constatar uma postura de investigação revelada nas ações da professora e de autoria percebida na ação dos alunos. O que já foi dito revela o contorno de um mapa mínimo acerca de tudo o que foi realizado nas aulas relatadas. Ele abre uma possibilidade para que o leitor pense em uma prática pedagógica investigativa, etnográfica, dialógica, justa e democrática. A experiência pedagógica em questão teve lugar na Escola Estadual Samuel Klabin, e foi protagonizada pelos alunos do 3º C, nas aulas de Educação Física. Na perspectiva do currículo cultural, o eixo integrador do componente curricular Educação Física é a linguagem, é ela que vai estabelecendo os links entre os contextos. Os alunos trouxeram textos de outras linguagens, permitindo à professora costurá-los com muita propriedade. A trajetória do estudo descrita acima apresenta elementos fundamentais para a construção de estratégias educacionais que explicitem como a diferença é socialmente produzida e reproduzida no interior da escola. As práticas escolares estão permeadas pela lógica machista, branca e heterossexual. Romper com essa lógica foi a proposta da professora Dayane quando colocou sob suspeita a superioridade masculina no território futebolístico. O caminho iniciado a partir dos conhecimentos e vivências dos alunos, que, a princípio, visava buscar uma resignificação da vivência, se deu num outro plano, nos mostrando que o significado necessariamente não precisa se dar no âmbito da prática. Nesse caso, deu-se no campo da leitura dos diversos suportes textuais (corporais, escritos e fílmicos), abrindo possibilidades para que a história do futebol seja

narrada de outra forma, reconhecendo que as habilidades nada têm a ver com gênero, mas com a experiência cultural.

Palavras chaves: Educação Física; Futebol; Currículo Cultural.

Apresentação

A experiência de ensino apresentada poderia ser narrada de diferentes maneiras. Optei por uma, certamente não aquela convencional como o leitor poderá constatar, mas uma que me permitiu “bater uma bola” com o projeto que a Profa. Dayane Portapila desenvolveu junto a seus alunos.

Ao tentar imprimir uma prática pedagógica multiculturalmente orientada a professora revela um entendimento da sala de aula como um local de socialização, de diálogo, um espaço de múltiplas narrativas, de encontro, de entendimento, de respeito e produção, já que o registro ganhou lugar de destaque. É nele e a partir dele que sua ação didática se referenciou. Os dados para a construção do presente texto foram colhidos por meio de entrevistas, gravações de aulas pela professora, fotografias, vídeos das vivências dos alunos, caderno de registro da professora, documentos produzidos pelos alunos, e ainda, de suas produções. Revela ainda uma preocupação com a forma como a diferença é naturalizada, porque entende como McLaren (2000) que a diferença é sempre um produto da história, da cultura, do poder.

A Profa. Dayane procurou questionar os discursos que naturalizam a inabilidade das meninas para o futebol, propondo situações didáticas de análise, observação e de vivências que permitiram certo estranhamento por parte dos alunos, vale dizer, questionar os discursos que eles vêm repetindo, especialmente os que ressaltam a supremacia masculina no âmbito do futebol e que visam produzir certos e homens e certas mulheres.

Iniciando no universo da prática multiculturalmente orientada, a professora demonstra coerência no seu fazer pedagógico, entende que o roteiro do estudo é construído no caminhar. Em momento algum a percebi preocupada em estabelecer objetivos ou definir conteúdos previamente. Inversamente, a prática, por mim compartilhada, escreveu um percurso que considerou cada encontro letivo, buscando articulá-lo com o seguinte, ampliando cada vez mais o desenho do estudo, mas com a tranquilidade de rever e apagar, se fosse preciso, para que o texto fosse mais bem compreendido.

O estudo do futebol empreendido até o momento pelos alunos do 3º C juntamente com a Profa. Dayane convida a pensar a sala de aula, não mais como um espaço de instrução, de transmissão de conhecimentos, mas como um espaço de possibilidades, tanto para o aluno quanto para o professor. No caso em tela, pode-se constatar uma postura de investigação revelada nas ações da professora e de autoria percebida na ação dos alunos.

O que já foi dito revela o contorno de um mapa mínimo acerca de tudo o que foi realizado nas aulas relatadas. Ele abre uma possibilidade para que o leitor pense em uma prática pedagógica investigativa, etnográfica, dialógica, justa e democrática.

Campo de Jogo

A experiência pedagógica em questão teve lugar na Escola Estadual Samuel Klabin, situada à Rua do Bóris Alexandre, 189, na Vila Dalva, um bairro da capital paulista e foi protagonizada pelos alunos do 3º C, nas aulas de Educação Física. O cenário da escola abriga duas realidades economicamente muito diferentes. Os alunos são do entorno da escola, a maioria procedente de duas favelas próximas, situadas uma abaixo e outra acima da escola, nas redondezas de um bairro de classe média alta. Alguns alunos utilizam um parquinho e uma área verde do bairro vizinho para brincar. Contudo, os espaços mais requisitados são o campinho próximo à favela de baixo e a própria escola que aos fins de semana oferece atividades no âmbito do “Projeto Escola da Família”¹. A instituição recebe, eventualmente, doações do instituto Samuel Klabin e da Associação do Bairro vizinho. Para exemplificar, a festa de dia das crianças foi promovida pela Associação com bolas doadas por uma escola privada.

A EE Samuel Klabin tem uma pequena sala de leitura e sala de informática, cujos computadores, durante o projeto, encontravam-se em manutenção. A sala de vídeo é no refeitório, motivo pelo qual não pode ser utilizada na hora do lanche ou intervalo dos alunos. No período da manhã atende alunos do Ensino Fundamental II (6ª a 8ª série), à tarde, os do Fundamental I (1º ao 5º anos) e, à noite, a Educação de Jovens e Adultos.

¹ Programa da Secretaria da Educação do Estado, que consiste no oferecimento de diversas vivências aos moradores da comunidade.

Início da partida

Uma onda de manifestações assola o Brasil, o Programa Mais Médicos, criado pelo governo federal é alvo de críticas e denúncias na mídia, o estádio Mané Garrincha, recém-reformado para a Copa do Mundo, não possui divisão entre torcidas rivais, enquanto a carioca Rafaela Silva, de 21 anos, conquista o campeonato mundial no judô e se torna a primeira mulher brasileira campeã mundial da modalidade. Em meio a esse contexto, a professora Dayane e seus alunos iniciam o projeto.

Com base nas proposições de Neira e Nunes (2006; 2009) para a elaboração de um currículo cultural de Educação Física, dentre elas, a necessidade de conhecer a cultura corporal presente no contexto em que o estudo está situado, e na perspectiva dos Estudos Culturais, que concebem as práticas corporais como textos e, como tal, passíveis de significação, a professora procedeu a uma leitura inicial da realidade e ao fazê-la, constatou que as práticas mais presentes na comunidade eram o futebol e a pipa, e ainda, que um de seus alunos faz escolinha de futebol e os demais participam do CJ (Centro de Juventude) onde realizavam atividades diversas.

Para a composição do mapeamento inicial, faltavam as informações colhidas junto aos alunos. Por essa razão, a professora os reuniu numa roda de conversa e perguntou quais jogos ou brincadeiras eles faziam fora da escola. As informações foram listadas na lousa.

Considerando que as respostas ratificaram a leitura da professora e tendo ainda por base, o mapeamento do entorno, dos recursos materiais e observando o que já foi feito ao longo dos três anos em que está com essa turma, a professora optou pelo estudo do futebol, pois a manifestação ainda não havia sido estudada. Vale destacar que os dados do mapeamento apontaram também para as poucas opções e espaços de lazer de que dispõe a comunidade da Samuel Klabin.

Reconhecendo o gramado

O Neymar foi vendido ao Barcelona. Os malabaristas chineses há cinco mil anos faziam dançar a bola com os pés, a meta ficava no centro e os jogadores evitavam, sem usar as mãos, que a bola tocasse no chão. Em tempos antigos os egípcios e os japoneses se divertiam chutando a bola (GALEANO, 2012), a polêmica acerca da contratação de médicos cubanos não cessou e a onda de protestos se unificaram em torno do repúdio ao aumento no preço da passagem do transporte coletivo. Enquanto isso, a professora Dayane procurava saber o que os meninos e meninas sabem sobre o futebol.

Dando prosseguimento ao mapeamento dos saberes dos alunos iniciado na aula anterior, os alunos falaram o que conheciam as curiosidades, as dúvidas e o que queriam aprender sobre o futebol: gestos, chute, passe, gol.

Em seguida foram para quadra a fim de vivenciar o futebol da forma conhecida. Lá chegando, para falar sobre o futebol, remeteram-se às regras comumente aplicadas e discutiram e elaboraram outras. O jogo foi misto, 11 contra 11. No final da vivência a professora sentou-se com os alunos para analisar a experiência e ouvir as impressões dos alunos sobre porque jogam de uma determinada maneira, uma vez que percebeu que as suas representações referiam-se ao futebol de campo. Nas palavras da professora: “os alunos reclamaram que a quantidade de alunos tinha sido muito difícil. Uns chutavam com o pé na hora de sair, outros jogavam com a mão. Foi aí que eu comecei a falar sobre a diferença entre o futebol e o futsal”.

Nota-se que a referência de futebol para esses alunos é o futebol de campo. Se pensarmos que um campo de futebol não é um espaço muito acessível para crianças, ainda que façam parte da paisagem do entorno, é possível deduzir que o acesso a essa prática se dá principalmente pela mídia televisiva.

Cabe destacar o papel da mídia e da forma como a mesma opera seus artefatos – jornais, vídeos da MTV, futebol das quartas-feiras, noticiários, *reality shows* – no governo da nossa vontade, na fabricação de nossas identidades. Ou seja, na forma como opera tentativas de aprisionar o espectador a significados e representações. Costa e Sommer (2005) chamam a nossa atenção para certo tipo de alfabetismo televisivo, adquirido pelas crianças durante o tempo que passam na frente da televisão, uma vez capturada sua atenção, a telinha torna cada vez mais familiar a programação acessada. No caso dos alunos do 3º C é possível inferir que a representação predominante é o futebol de campo, pois outras variações desse esporte são pouco veiculadas na mídia. Para eles, esse é o futebol verdadeiro, razão pela qual seus códigos serviram de comparativo para a análise do jogo que praticaram.

Armando as jogadas

A partir da significação de seus registros, a professora propôs a leitura de um jogo de futebol de campo entre Barcelona e Malásia, para, na sequência, os alunos apontarem em voz alta algumas características registradas na lousa pela docente e, no caderno da classe, por uma das alunas. Caderno esse que a cada aula ficava com um

aluno, cujo compromisso era registrar o que aconteceu para que o grupo pudesse visualizar o caminho percorrido.

Ao promover a audiência do vídeo, a professora objetivou promover uma leitura da prática e caracterizá-la, levando o grupo a perceber que não seria possível jogar na quadra da escola o futebol que assistiram no vídeo. Para isso seria necessário ressignificá-lo. Os comentários dos alunos foram anotados: “escanteio; falta; pênalti; sai a bola é do outro time; impedimento; campo; maior as linhas; arquibancada; o gol; 22 jogadores; Neymar; jogadores; juiz; treinador; narrador; bandeirinha; dois tempos; resgate; massagista; torcida fica cantando; líder de torcida; vestiário; substituições; placar; reserva; técnico; expulsão; gandula, chutam a bola alto. Onde fica a Malásia e Barcelona?”

Quando questionados se já foram ao estádio, um dos alunos afirmou que o tio trabalha no Morumbi e comentou sobre a segurança para entrar, “homem revista homem e mulher revista mulher”. Outros sugeriram a vivência de um campeonato em que eles jogariam do jeito que viram na TV.

As observações dos alunos revelaram certa familiaridade e compartilhamento dos significados dessa manifestação da cultura corporal, além de evidenciarem que o acesso a essa prática não se dá indo aos estádios.

Indo pra cima

A galinha pintadinha vira celebridade e ganha as primeiras páginas das revistas, a Constituição de 1988 completou 25 anos, as ruas de São Paulo ganham faixas de ônibus com vistas a facilitar a vida dos paulistanos que se servem do transporte público, todavia a cidade registra uma variação de 200 a 400 km de congestionamento diariamente, segundo informações da mídia e, enquanto Chris Anderson, professor de estatística da Universidade de Cornell, nos Estados Unidos lança seu livro intitulado “Os números do Jogo – Porque tudo o que você sabe sobre futebol está errado”, a Professora Dayane planeja atividades de aprofundamento acerca da “paixão nacional”.

Considerando os dados colhidos na avaliação diagnóstica a respeito dos gestos, passes e dribles, bem como a proposição dos alunos na aula anterior, a professora seguiu mapeando os conhecimentos sobre a gestualidade, relacionando-a na lousa. Primeiramente os passes: peito, joelho, cabeça/pescoço, goleiro com a mão, peito de pé/ lateral, chapa, dedão, três dedos, calcanhar, com ombro, cobertura com pontapé e finalizando com os

dribles: carrinho; carretilha, elástico; drible da vaca; pedalada; bicicleta; voleio; letra; embaixadinha. Na sequência, foram para a quadra a fim de vivenciar o jogo conforme viram na televisão, contudo, diferente do oficial, no jogo do 3º C todos participaram. Um dos alunos desempenhou o papel de narrador e uma aluna responsabilizou-se pelo registro da aula. Vale ressaltar que os dados acima foram copiados na íntegra do caderno da docente.

Quando convidada a ler o registro para a turma, a aluna pediu à professora que o fizesse. Seguindo a relação do que fora anotado, o grupo retomou a aula anterior e se dirigiu à quadra para vivenciar os passes e dribles. A classe foi dividida em grupos de quatro. Dois alunos ficaram responsáveis por explicar o movimento. Vale destacar que os colegas que explicavam eram todos meninos. Ao ser questionada sobre a razão da evidência dos meninos nessa atividade, a professora afirmou que as meninas solicitavam os meninos, alegando que eles sabiam mais e poderiam ensinar. Esse é um exemplo claro de como os discursos capturam as pessoas e as aprisionam, governando suas vidas, produzindo realidades, fazendo-as acreditar que não são capazes. A escola não pode compactuar com isso, atribuindo legitimidade a esses discursos. Atenta a essas armadilhas, a professora procurou pensar em atividades que questionassem a supremacia masculina.

A lista de movimentos a ser vivenciada era extensa, razão pela qual, a professora elegeu cinco formas de chutar para serem realizadas nessa aula, as demais ficariam para as aulas subsequentes. Enquanto alguns explicavam, outros realizavam. Alguns alunos tiveram dificuldades na realização, dentre as quais destacaram o peso da bola, que, por ser muito leve, subia demais. O encontro letivo foi encerrado com um aluno comprometendo-se com o registro. A professora observou que no início, a prática de registrar não foi muito bem acolhida, todavia o intercâmbio com a professora polivalente foi de suma importância para que essa prática se consolidasse. O aluno que ficava com essa incumbência era acompanhado por ela, que fazia as intervenções para ajudá-lo no domínio desse gênero textual. Isso o deixava mais seguro no momento de socializar a sua produção na aula de Educação Física.

Refazendo a jogada

A professora continuou com a vivência do chute com uma organização semelhante à da aula anterior. As crianças vivenciaram o chute de peito de pé, lateral, chapa, dedão, três dedos e calcanhar.

Na continuidade, a professora retomou a questão que ficou pendente no encontro no qual promoveu a leitura do jogo Malásia x Barcelona: onde ficam essas localidades? Apresentou o mapa-múndi, a fim de que visualizassem os dois lugares e percebessem a distância. Em seguida, perguntou por que eles jogavam da mesma forma e como eles se comunicavam se moravam tão longe. Um dos alunos disse que estavam jogando o mesmo campeonato, por isso utilizavam as mesmas regras, outro mencionou a FIFA afirmando ser a entidade que organiza os campeonatos e que tinha sorteio para escolher a ordem dos jogos. Cada campeonato tinha uma organização. Exemplificou lembrando que a Copa do Mundo de Futebol era responsabilidade da FIFA.

Aqui se pode perceber o caráter de imprevisibilidade do currículo, a professora não cogitou a ideia de que a FIFA pudesse emergir no estudo, ou ao menos naquela aula e ainda, que essa emergência pudesse contribuir, abrindo um leque maior de possibilidades para ampliar e aprofundar os conhecimentos dos discentes sobre o futebol.

Os alunos perguntaram se os atletas dos dois times falavam a mesma língua; outros colegas responderam que embora não falassem o mesmo idioma poderiam jogar em outros países, ou seja, qualquer time pode contratar um jogador de outros países. Contudo, esses jogadores, numa Copa do Mundo, retornam ao país de origem para defender a sua bandeira caso sejam selecionados. Citaram o Neymar, que está jogando no Barcelona, mas joga pela seleção. Falaram também dos jogos de videogames, mencionando aqueles que permitiam trazer jogadores de outro país e outros não, justificando que eram da seleção. Um dos alunos e a professora trouxeram uma bola mais pesada para atender a reivindicação de uma colega. Retomando à lista dos dribles, foram escolhidos quatro para a vivência. Dois alunos os demonstraram e, em seguida, dividiram-se em pequenos grupos para vivenciá-los.

No encontro seguinte a professora, após pesquisar algumas instituições que organizam campeonatos de futebol, propôs uma situação didática em que apresentava o “Jornal Lance” no qual circulam as notícias do esporte, principalmente o futebol. Questionados sobre a quantidade de notícias da modalidade, responderam que “o futebol é o esporte mais jogado no Brasil e o que todo mundo gosta”. A professora seguiu abordando a FIFA, CBF e a CONMEBOL, associando cada instituição ao seu respectivo campeonato.

Distribuiu jornais para os alunos que estavam divididos em trios e pediu que encontrassem as respostas às perguntas que estavam na lousa: qual campeonato você

identificou? Quem o organiza? Qual o regulamento? Antes explicou o sistema de pontos corridos e o mata-mata. Nesse momento, recebeu contribuição dos alunos. Ao começar a atividade surgiram dúvidas relacionadas ao conceito de regulamento. A professora explicou que eram as regras do campeonato e pediu para identificarem se o evento relatado na parte do jornal que cada grupo recebeu era realizado no formato mata-mata ou pontos corridos. Alguns grupos estavam com a tabela do Brasileirão da série B e outros com os da série A. Após responderem às três perguntas, a professora solicitou que identificassem o que acontecia com os quatro primeiros da tabela da série A e com os quatro últimos, para os grupos que tivessem de posse dessa tabela. O mesmo procedimento deveria ser adotado pelos grupos que tivessem com a tabela da série B. Alguns alunos mencionaram que os primeiros colocados da série A participariam da Libertadores e os últimos quatro iam para série B e, na série B, os quatro primeiros iam para série A e os quatro últimos iam para a série C.

Questionada sobre até que série o campeonato iria, a professora pediu aos alunos que buscassem no jornal a resposta. E ela veio rápido. Alguns alunos já haviam identificado e responderam que o jornal apontava até a série D. Uma vez compreendida a dinâmica do campeonato, os alunos começaram a verificar qual clube estava em primeiro, em segundo etc., quando um aluno comentou: “se o São Paulo ganhasse ontem ficaria na frente do Corinthians”. Cada grupo entregou suas respostas, mas não houve tempo para elaborar a síntese da aula, que foi retomada na seguinte, começando pela leitura do caderno de uma aluna. A fim de dar prosseguimento à vivência dos dribles, a professora disponibilizou um vídeo disponível na internet. As imagens mostram passo a passo a execução de diferentes tipos de dribles. Lembrou daqueles não praticados até então: “carretilha; drible da vaca, pedalada e elástico”. Passando à quadra, retomou a organização das aulas anteriores, na qual os meninos se sobressaíam como os que tinham o poder do conhecimento legitimado pelas meninas, que realçavam a habilidade de ensinar que eles possuíam, e as meninas em posição de inferioridade e dependência, limitavam-se a atender aos comandos.

A assistência das aulas permite constatar que alguns meninos de fato são mais habilidosos, notadamente aqueles que deram assistência à professora acompanhando os grupos, contudo cabe perguntar: por que as meninas não desenvolveram habilidades semelhantes? Quais os aspectos envolvidos nessa condição feminina?

Driblando o preconceito

Enquanto os mensaleiros eram “presos”, na Oscar Freire, um dos metros quadrados mais caros de São Paulo, foi furtada uma das estátuas da Mônica distribuídas pela cidade em comemoração aos cinquenta anos da personagem criada por Maurício de Souza. Para a educação, mais um conteúdo, “o caráter”, apontam algumas pesquisas divulgadas pela revista *Época* e o dia do médico é comemorado em meio à polêmica do Programa Mais Médicos, cujo embate de posicionamentos favoráveis e contrários ainda não cessou. Enquanto os *Black blocs* ganham evidência, a professora Dayane planeja ações didáticas para debater a questão de gênero revelada na vivência dos dribles.

A observação acerca da naturalização com a qual tanto meninas quanto meninos explicam, ou mesmo, justificam a habilidade dos meninos, mesmo que essa habilidade não se revele no desempenho de todos eles, a professora organizou situações didáticas que possibilitaram colocar sob suspeita essas verdades incontestáveis para os alunos.

Agindo dessa forma, a docente revela o entendimento da sala de aula como um espaço de narrativas, no plural. Para que a narrativa única sobre o futebol, alicerçada na crença de que esse esporte é uma prática do universo masculino, seja problematizada, selecionou três vídeos: o primeiro trazia uma reportagem exibida pela Rede Globo, na qual uma menina de quinze anos, que faz embaixadinha, visita o centro de treinamento do Grêmio portoalegrense. Além de trazer uma figura feminina realizando movimentos próprios do futebol, a matéria a coloca numa condição de quem ensina os jogadores que revelam não dominar essa habilidade tanto quanto ela. O segundo mostra mulheres realizando embaixadinhas e o terceiro traz os melhores momentos do jogo de futebol feminino Brasil x Estados Unidos, os quais destacam a figura da atleta Marta. A jogadora foi lembrada por uma aluna, que trouxe para o conhecimento dos colegas o programa de televisão intitulado “Menino de Ouro”, em que a futebolista participa. Nele, ela atua ensinando alguns movimentos para três meninos, sendo premiado com o troféu “Menino de ouro”, aquele que apresentou melhor desempenho.

A leitura dos vídeos provocou certo estranhamento com relação ao fato das habilidades revelado pelas mulheres dos filmes. A professora percebendo a surpresa perguntou: as mulheres não sabem ou não conseguem jogar futebol? Por que as nossas meninas não desenvolveram habilidades semelhantes às das mulheres dos vídeos, que foi acompanhado pelas provocações à turma: E ensinar será que apenas os meninos sabem? Quanto tempo vocês acham que a jogadora que aparece no vídeo treina para conseguir esta

performance? As respostas dos alunos revelaram que aquilo que parecia verdade sobre o futebol não se apresenta tão verdadeiro assim, as suas representações foram desestabilizadas.

Ao problematizar a visão monocultural dessa manifestação, a professora explicou algumas formas como as identidades masculina e feminina são constituídas: na família, quando o menino ganha uma bola e a menina ganha uma boneca como brinquedo; na escola, quando se reforça esse discurso de que somente os meninos são capazes de aprender e ensinar futebol, na mídia, mediante o tempo de exposição do futebol masculino e a ênfase ao que se refere a esse esporte ser apresentado ou protagonizado por homens. Essas ações possibilitaram aos alunos perceberem que a habilidade de jogar futebol nada tem a ver com o gênero, mas com a experiência, com o treino. O que é historicamente permitido aos meninos desde pequenos.

Ao selecionar os vídeos com vistas a desconstruir as representações que evidenciam a soberania masculina no futebol, reconhecendo o caráter desigual, discriminador desse modo de olhar para essa prática e para seus praticantes, a professora, sem perceber, trouxe para o diálogo a contribuição do aluno que mencionou o programa “Menino de Ouro” para falar da Marta sem colocar em questão o fato da jogadora ensinar apenas meninos no programa mencionado, pois ainda que aponte para as mulheres como capazes de ensinar o futebol, acaba por reforçar a supremacia masculina quando no referido programa é a Marta, melhor jogadora do mundo, que ensina somente meninos. Cabe ressaltar que os alunos não fizeram essa leitura.

Gol de placa

Na perspectiva do currículo cultural, o eixo integrador do componente curricular Educação Física é a linguagem, é ela que vai estabelecendo os *links* entre os contextos. Os alunos trouxeram textos de outras linguagens, permitindo à professora costurá-los com muita propriedade.

A trajetória do estudo descrita acima apresenta elementos fundamentais para a construção de estratégias educacionais que explicitem como a diferença é socialmente produzida e reproduzida no interior da escola. As práticas escolares estão permeadas pela lógica machista, branca e heterossexual. Romper com essa lógica foi a proposta da professora Dayane quando colocou sob suspeita a superioridade masculina no território futebolístico.

O caminho iniciado a partir dos conhecimentos e vivências dos alunos, que, a princípio, visava buscar uma ressignificação da vivência, se deu num outro plano, nos mostrando que o significado necessariamente não precisa se dar no âmbito da prática. No caso em tela, deu-se no campo da leitura dos diversos suportes textuais (corporais, escritos e fílmicos), abrindo possibilidades para que a história do futebol seja narrada de outra forma, reconhecendo que as habilidades nada têm a ver com gênero, mas com a experiência cultural.

É aqui que entendo que a Professora Dayane fez um gol digno de ter seu nome grafado numa placa, tal qual Pelé!

Referências Bibliográficas

COSTA, Marisa Vorraber; SOMMER, Luís Henrique. A pedagogia da cultura e a educação de crianças e jovens do ensino fundamental In: LEHENBAUER, Silvana; PICAWY, Maria Maira; STEYER, Vivian Edite e WANDSCHEER, Maria Sirtei Xavier (Orgs.). **O ensino fundamental no século XXI: questões e desafios**. Canoas: Ed. ULBRA 2005.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2012.

GUIMARÃES Camila. Caráter se aprende na escola. **Revista Época**, São Paulo, v. 10, nº.804, p.58-63. 2013.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.

_____. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

